26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

DA PEDRA AO DOCUMENTO: BIOGRAFIA DO PATRIMÔNIO GEOLÓGICO *EX SITU* NO MUSEU DA GEODIVERSIDADE (IGEO/UFRJ)

FROM STONE TO DOCUMENT: *A BIOGRAPHY OF EX SITU GEOLOGICAL HERITAGE AT THE MUSEUM OF GEODIVERSITY (IGEO/UFRJ)*

Eduardo Alves Mendonça – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A musealização transforma objetos materiais em suportes de informação, memória e patrimônio, produzindo novos enquadramentos interpretativos e regimes de valor. Alguns destes objetos desafiam classificações simples e superficiais ao transitarem simultaneamente entre diferentes domínios de significado, articulando dimensões naturais, históricas, científicas e culturais. Esse é o caso dos capitéis em calcário lioz atualmente expostos no Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ), cuja trajetória envolve sua formação geológica, utilização na arquitetura colonial, deslocamentos decorrentes das transformações urbanas do Rio de Janeiro e posterior incorporação ao espaço museológico. O objetivo deste trabalho é analisar os capitéis em lioz como objetos-documento, discutindo como seus processos de circulação, preservação, documentação e musealização contribuíram para a construção de seu valor patrimonial. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise documental e estudo de caso, articulando contribuições da Museologia, da Ciência da Informação, dos estudos do patrimônio e da memória cultural. Adota-se a perspectiva da biografia cultural dos objetos, complementada pela compreensão da musealização como processo de produção de informação e pela reflexão sobre os regimes de lembrança e esquecimento presentes na memória cultural. Os resultados preliminares indicam que os capitéis acumularam sucessivas camadas de significado ao longo de sua trajetória. Conclui-se que sua relevância patrimonial não decorre exclusivamente de sua materialidade geológica ou valor arquitetônico, mas também de sua trajetória histórica, marcada por processos de preservação, esquecimento,

documentação e ressignificação. O estudo contribui para ampliar as discussões sobre patrimônio geológico *ex situ*, evidenciando o potencial da Museologia e da Ciência da Informação para compreender objetos híbridos que articulam natureza, cultura e memória.
Palavras-chave: musealização; patrimônio geológico; biografia cultural; memória cultural; museu da geodiversidade.

Abstract: Musealization transforms material objects into supports for information, memory, and heritage, producing new interpretative frameworks and value regimes. Some of these objects defy simple and superficial classifications by simultaneously moving between different domains of meaning, articulating natural, historical, scientific, and cultural dimensions. This is the case of the lioz limestone capitals currently exhibited at the Museum of Geodiversity, whose trajectory involves their geological formation, use in colonial architecture, displacements resulting from the urban transformations of Rio de Janeiro, and subsequent incorporation into the museum space. The objective of this work is to analyze the lioz capitals as document-objects, discussing how their processes of circulation, preservation, documentation, and musealization contributed to the construction of their heritage value. The research is based on bibliographic review, document analysis, and case study, articulating contributions from Museology, Information Science, heritage studies, and cultural memory. The perspective adopted is that of the cultural biography of objects, complemented by an understanding of musealization as a process of information production and by reflection on the regimes of remembering and forgetting present in cultural memory. Preliminary results indicate that the capitals have accumulated successive layers of meaning throughout their history. It is concluded that their heritage relevance does not stem exclusively from their geological materiality or architectural value, but also from their historical trajectory, marked by processes of preservation, forgetting, documentation, and re-signification. The study contributes to broadening discussions on *ex situ* geological heritage, highlighting the potential of Museology and Information Science to understand hybrid objects that articulate nature, culture, and memory.
Keywords: musealization; geological heritage; cultural biography; cultural memory; geodiversity museum.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade de bens materiais e imateriais reconhecidos como patrimônio possibilita a incorporação de diferentes perspectivas aos processos de preservação e legitimação social. Nesse contexto, incluem-se os elementos associados à natureza, onde o patrimônio geológico consolidou-se nas últimas décadas como expressão voltada à valorização da geodiversidade enquanto patrimônio (Castro; Mansur; Carvalho, 2018). Entretanto, observa-se que grande parte das abordagens sobre patrimônio geológico privilegia elementos *in situ* e enfatiza predominantemente seus valores científicos, especialmente vinculados às Geociências.

Embora coleções museológicas de minerais, rochas e fósseis tenham sido gradualmente incorporadas às discussões sobre patrimônio geológico *ex situ*, quando dotados de valor científico (Brilha, 2016), outros elementos da geodiversidade como rochas

ornamentais, fragmentos arquitetônicos e materiais construtivos permanecem em uma zona conceitual imprecisa. Tais objetos frequentemente extrapolam os limites das classificações tradicionais ao articularem valores científicos, históricos, estéticos, simbólicos e memoriais.

É nesse contexto que se inserem os capitéis em calcário lioz atualmente expostos na exposição de longa duração "Memórias da Terra", do Museu da Geodiversidade, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Museu da Geodiversidade, localizado no campus Cidade Universitária, atua desde 2008 na preservação e divulgação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia relacionado às Ciências da Terra. Estes fragmentos arquitetônicos foram esculpidos em uma rocha do período Cretáceo (145 a 66 milhões de anos), cuja exploração ocorre até os dias atuais nos arredores de Lisboa, Portugal (Silva, 2019). Os capitéis são provenientes da Nova Igreja do Colégio dos Jesuítas do Morro do Castelo, demolido em 1920 durante as reformas urbanas do Rio de Janeiro. Até sua incorporação ao espaço museológico passaram por sucessivos deslocamentos físicos e simbólicos.

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento e possui o objetivo de discutir como os capitéis em lioz operam simultaneamente como testemunhos geológicos, documentos históricos, suportes de memória urbana e objetos musealizados, evidenciando as potencialidades analíticas da noção de biografia cultural dos objetos, proposta por Igor Kopytoff (2008), para o estudo do patrimônio geológico *ex situ*. Além disso, o trabalho dialoga com as contribuições de Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro (2015), que aborda os processos de musealização e a compreensão dos objetos como documentos, e de Aleida Assmann (2010), sobre os regimes de lembrança e esquecimento que atuam na memória cultural, permitindo analisar os capitéis não apenas em sua materialidade geológica, mas também como portadores de valores, significados e informações produzidos ao longo de suas trajetórias sociais e institucionais.

2 PATRIMÔNIO, VALOR E GEODIVERSIDADE *EX SITU*

A compreensão contemporânea do patrimônio desloca-se da ideia de qualidade intrínseca dos objetos para a percepção de que os bens patrimoniais resultam de processos sociais de atribuição de valor (Araújo, 2019). A patrimonialização implica operações de seleção, interpretação e legitimação, por meio das quais determinados elementos são destacados da realidade e investidos de significação cultural (Desvallées; Mairesse, 2014; Poulot, 2009).

No campo das Geociências, o conceito de geodiversidade surge a partir dos anos 1990 como contraponto à centralidade da biodiversidade nos debates ambientais. Autores como Gray (2004) e Brilha (2005) contribuíram para consolidar a ideia de que os componentes abióticos da natureza também possuem relevância científica, educativa, estética e cultural.

A partir dessa reflexão aparece o termo patrimônio geológico, tendo como marco o I Simpósio Internacional sobre a proteção do Patrimônio Geológico, realizado na França em 1991. O patrimônio geológico não deve ser confundido com a geodiversidade pois refere-se a uma fração da geodiversidade selecionada e considerada relevante para ser preservada para fins científicos, educativos, culturais, turísticos entre outros (Castro; Mansur; Carvalho, 2018).

Entretanto, a consolidação do patrimônio geológico ocorreu majoritariamente associada à preservação de afloramentos, paisagens e sítios naturais *in situ*. Mesmo quando elementos *ex situ* são incorporados às discussões patrimoniais, como é o caso de coleções de rochas, minerais ou fósseis em museus, sua legitimidade costuma estar vinculada principalmente ao valor científico documental (Castro; Mansur; Carvalho, 2018). Tal enquadramento tende a marginalizar objetos híbridos como materiais pétreos ornamentais e fragmentos arquitetônicos, cuja relevância ultrapassa o domínio estritamente geológico.

Nesse sentido, os capitéis em lioz permitem problematizar os limites conceituais do patrimônio geológico ao evidenciarem a coexistência de múltiplos regimes de valor. O lioz não é apenas uma rocha sedimentar fossilífera formada no período Cretáceo retirada de seu afloramento original; trata-se também de material construtivo associado à expansão colonial portuguesa, à monumentalidade arquitetônica e às transformações urbanas do Rio de Janeiro que promoveram regimes de destruição e esquecimento a partes da cidade.

2.1 BIOGRAFIA CULTURAL, DOCUMENTAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

A perspectiva da biografia cultural dos objetos, formulada por Igor Kopytoff (2008), oferece importante contribuição para compreender os deslocamentos de significado experimentados pelos capitéis em lioz ao longo de sua trajetória. Segundo o autor, os objetos atravessam processos sucessivos de classificação, singularização e mudança de status social, adquirindo novos sentidos conforme circulam entre diferentes contextos culturais.

O olhar biográfico de Kopytoff é complementado pela reflexão de Aleida Assmann (2010) sobre memória cultural permitindo compreender não apenas as transformações de

status do objeto, mas também os períodos em que este permaneceu invisibilizado, armazenado ou reativado por diferentes instituições de memória.

No caso analisado, os capitéis percorrem uma trajetória que se inicia na formação geológica do lioz em paleoambientes marinhos do Cretáceo (Silva, 2019), passa pela extração da rocha em Portugal e sua utilização na arquitetura colonial luso-brasileira (Del Lama, 2021), alcançando posteriormente a destruição do Morro do Castelo e sua preservação em coleções universitárias. Sua incorporação ao Museu da Geodiversidade representa novo capítulo dessa biografia.

No espaço museológico, os capitéis deixam de operar exclusivamente como ruínas arquitetônicas para assumir também a condição de documentos científicos e patrimoniais. A musealização produz novas formas de leitura e mediação, permitindo que o objeto articule temporalidades geológicas, históricas e urbanas simultaneamente.

Desse modo, argumenta-se que a musealização da geodiversidade *ex situ* constitui não apenas um procedimento técnico de preservação, mas um processo informacional de produção de sentidos. O museu atua como instância de classificação, documentação e comunicação patrimonial, transformando fragmentos materiais em suportes de memória e conhecimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise documental e estudo de caso com foco nos capitéis em lioz expostos no Museu da Geodiversidade, articulando referenciais da museologia, geodiversidade, patrimônio geológico e teoria do patrimônio.

O conceito de biografia cultural dos objetos, de Igor Kopytoff, constitui o eixo central da análise ao permitir compreender as mudanças de status, os regimes de valor e os processos de singularização que atravessam a trajetória dos capitéis. A unidade de análise foi selecionada em razão de sua relevância científica, histórica e museológica, bem como de sua inserção em narrativas institucionais de valorização do patrimônio geológico.

Os capitéis serão examinados quanto à sua história geológica, aos usos históricos na arquitetura, extração e circulação da pedra, uso arquitetônico, deslocamentos, incorporação em coleções museológicas e inserção na narrativa expográfica. A análise da documentação disponível no Museu D. João VI e no Museu da Geodiversidade, incluindo inventários, fichas catalográficas, fotografias e textos expositivos, gerará subsídios para compreender em que

medida e de que forma ocorreu, ao longo do tempo, o processo de valorização desse elemento como patrimônio em cada uma das instituições. Para essa análise, soma-se às contribuições de Aleida Assmann (2010) que entende os objetos como portadores da memória coletiva. A articulação entre referencial teórico, análise documental e estudo de caso possibilita compreender a musealização dos capitéis em lioz como processo de construção de significados no qual dimensões científicas, culturais e institucionais operam de forma integrada ainda que não simultaneamente no tempo e no espaço.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise preliminar da trajetória dos capitéis em lioz indica que esses objetos passaram por sucessivos processos de deslocamento, ressignificação e atribuição de valor, configurando uma biografia cultural complexa. Sua história tem início muito antes da ação humana, na formação geológica do lioz durante o período Cretáceo, entre aproximadamente 145 e 66 milhões de anos atrás. O lioz é classificado pela Geologia como um calcário fossilífero formado em ambientes marinhos rasos, ou seja, a rocha preserva vestígios paleontológicos que registram processos naturais e formas de vida do passado geológico da Terra (Silva, 2019). O processo que levou à formação do lioz, com a fragmentação e dissolução de conchas de bivalves e gastrópodes, ocorreu em um mar tropical raso que margeava o paleocontinente da Laurásia, enquanto a área que futuramente daria origem ao continente sul-americano, onde hoje se localiza o Brasil, integrava os fragmentos do paleocontinente Gondwana. Nesse contexto, o objeto possui, sobretudo, valor científico, constituindo uma importante fonte de informações para os estudos geológicos e paleontológicos.

A extração do lioz em Portugal e seu posterior transporte em uma monumental travessia intercontinental representam uma primeira mudança significativa em sua trajetória. Originalmente inserida em um contexto geológico e natural, a rocha passa a integrar circuitos econômicos, técnicos e culturais vinculados à expansão ultramarina portuguesa. Sua seleção, beneficiamento e envio para a América evidenciam não apenas o valor material atribuído ao lioz, mas também sua importância simbólica como matéria-prima destinada a obras de prestígio.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, a rocha adquire novos significados ao ser incorporada aos projetos construtivos da colônia. É possível inferir que seu transporte tenha ocorrido com a intenção de empregá-la como elemento arquitetônico de destaque, propósito que se

concretiza com sua utilização na construção da Nova Igreja do Colégio dos Jesuítas do Morro do Castelo, iniciada em 1744. Nesse processo, o objeto deixa de ser apenas um testemunho da história geológica da Terra e um elemento da geodiversidade para integrar um projeto arquitetônico, religioso e político associado à presença portuguesa na América. Sua incorporação à igreja agrega valores históricos, artísticos, arquitetônicos, econômicos e simbólicos à sua materialidade geológica, refletindo as relações entre metrópole e colônia, a circulação de materiais e saberes construtivos no Império Português e o papel da Companhia de Jesus na conformação da paisagem urbana e cultural do Rio de Janeiro setecentista (Silva, 2019). O lioz passa, assim, a atuar como marcador de prestígio social e como expressão da monumentalidade e da importância institucional que se pretendia conferir ao templo jesuítico.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a obra foi interrompida e o edifício inacabado perde a sua função de uso e prestígio. No século XIX, assumiu nova função abrigando o Imperial Observatório, atual Observatório Nacional, entre 1871 e 1922, quando da transferência do Observatório para o Morro de São Januário em São Cristóvão (Nonato, 2000; Alves, 2021). Os capitéis passam então a integrar uma nova narrativa relacionada à institucionalização das ciências no Brasil (Figura 1). Posteriormente, a demolição do Morro do Castelo, na década de 1920, provocou uma ruptura nessa trajetória. Separados da edificação à qual pertenciam, os capitéis deixaram de exercer sua função arquitetônica e tornaram-se fragmentos materiais de um patrimônio desaparecido. Sua incorporação à Escola Nacional de Belas Artes, e posteriormente ao acervo do Museu D. João VI, garantiu a preservação física dos objetos, embora registros indiquem que permaneceram durante décadas armazenados em áreas externas, afastados de processos sistemáticos de interpretação e comunicação patrimonial.

Figura 1 - Gravura das ruínas do Templo dos Jesuítas no Morro do Castelo publicada no periódico Ostensor Brasileiro (1845)



Fonte: Heaton & Rensburg ([1845]).

Uma nova transformação ocorreu em 2011, quando os capitéis foram transferidos para a exposição de longa duração do Museu da Geodiversidade. Nesse contexto, passaram a integrar uma narrativa expográfica voltada à compreensão da geodiversidade e da história da Terra. O objeto anteriormente associado à arquitetura colonial e à memória urbana passou a ser interpretado também como testemunho geológico, evidenciando sua natureza híbrida. Sua inserção na exposição do museu amplia as possibilidades de leitura ao articular tempo geológico, patrimônio construído, história urbana e divulgação científica.

Essa trajetória complexa dialoga diretamente com as noções de biografia cultural proposta por Kopytoff (2008) e do objeto como documento proposto por Loureiro (2015). Ao longo de sua existência, os capitéis experimentaram sucessivas reclassificações e singularizações, transitando entre diferentes regimes de valor sem necessariamente abandonar os significados anteriores. A análise sugere que cada deslocamento acrescenta novas camadas de sentido ao objeto, produzindo uma superposição de valores geológicos, históricos, arquitetônicos, científicos e museológicos. Do ponto de vista do conceito de memória cultural, de Assmann (2010), os capitéis parecem ter atravessado diversos regimes de memória, levando-nos a indagar em que momentos estes objetos foram lembrados ou esquecidos.

É possível argumentar, sob essa perspectiva, que os capitéis não foram só preservados, apesar dos processos de esquecimento a que foram submetidos, mas justamente porque sobreviveram a eles adquirem uma singularidade que os traz de volta à memória cultural ativa. A destruição do Morro do Castelo constitui uma forma de esquecimento ativo, sob a perspectiva de Assmann, decorrente da eliminação deliberada de parte da paisagem histórica da cidade. Posteriormente, sua permanência por décadas em locais de armazenamento e comunicação restritos aproxima-se do que Assmann denomina memória de armazenamento, caracterizada pela preservação material sem efetiva ativação social dos significados. Sua incorporação à exposição do Museu da Geodiversidade representa um novo movimento de atualização da memória cultural, no qual o objeto volta a ser mobilizado como suporte de narrativas científicas, históricas e patrimoniais.

Sob a perspectiva da teoria do patrimônio, os resultados obtidos até aqui reforçam a compreensão de que o valor patrimonial não é intrínseco aos objetos, mas resulta de processos sociais de seleção, interpretação e legitimação (Araújo, 2019). A trajetória dos capitéis demonstra que a musealização não constitui apenas um procedimento de preservação material, mas também um processo de produção de informação e construção de memória. Ao ingressarem no Museu da Geodiversidade, os capitéis deixam de ser apenas fragmentos arquitetônicos ou exemplares geológicos para assumir a condição de documentos patrimoniais capazes de conectar diferentes temporalidades e campos de conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos capitéis em lioz evidencia as potencialidades da articulação entre Museologia, Patrimônio, Ciência da Informação e Geociências para compreender os processos de construção de valor associados à geodiversidade *ex situ*. Ao atravessarem diferentes contextos históricos e institucionais, estes objetos acumulam camadas sucessivas de significado que desafiam classificações rígidas entre patrimônio natural e cultural.

O fato de serem fragmentos deslocados, remanescentes de um monumento demolido e posteriormente recuperados pela instituição museológica faz com que sua trajetória se torne parte de seu valor patrimonial. A história de perdas, deslocamentos, negligências e reinterpretações passa a ser tão relevante quanto o próprio lioz, seus fósseis ou sua qualidade artística.

Defende-se que os processos de musealização possibilitam novas formas de interpretação dos materiais geológicos ao inseri-los em sistemas de documentação, pesquisa, conservação e comunicação. Nesse contexto, os capitéis deixam de operar apenas como vestígios arquitetônicos ou amostras geológicas e passam a constituir documentos patrimoniais capazes de articular memória urbana, cultura material e conhecimento científico.

O estudo contribui, portanto, para ampliar as discussões sobre patrimônio geológico *ex situ*, ressaltando a necessidade de abordagens interdisciplinares capazes de reconhecer a complexidade desses objetos e seus múltiplos regimes de valor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcia Cristina. **Observatórios do Brasil de meados do século XIX e início do XX**: perspectivas de musealização. 2021. 295 p. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: http://repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/14375. Acesso em: 24 out. 2026.

ARAÚJO, Bruno Melo de. **Entre objetos e instituições:** trajetória e constituição dos conjuntos de objetos de C&T das Engenharias em Pernambuco. 2019. 352 p. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.unirio.br/ppg-pmus/TESEBRUNOARAJO.CD.versofinal.pdf. Acesso em: 24 out. 2026.

ASSMANN, Aleida. Canon and Archive. In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (org). **Cultural Memory Studies**: an international and interdisciplinary handbook. Berlin: De Gruyter, 2010, p. 97-108. Disponível em: https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783110207262.2.97/html. Acesso em: 24 out. 2026.

BRILHA, José. Inventário e avaliação de geossítios e sítios de geodiversidade: uma revisão. **Geoheritage**, [*s. l.*], v. 8, n. 2, p. 119-134, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s12371-014-0139-3. Acesso em: 24 out. 2026.

BRILHA, José. **Patrimônio geológico e geoconservação**: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage Editores, 2005.

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de; MANSUR, Kátia Leite; CARVALHO, Ismar de Souza. Reflexões sobre as relações entre geodiversidade e patrimônio: um estudo de caso. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 383-403, 2018. Disponível em: https://igeo.ufrj.br/inc/isc/2/2_69.pdf. Acesso em: 24 out. 2026.

DEL LAMA, Eliane Aparecida. (org). **Patrimônio em pedra**. São Paulo: IGc-USP, 2021.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org). **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2022/02/Conceitos-Chave_POR_BR.pdf. Acesso em: 24 out. 2026.

GRAY, Murray. **Geodiversity**: valuing and conserving abiotic nature. West Sussex: John Wiley & Sons, 2004.

HEATON & RENSBURG (OFICINA LITOGRÁFICA). **Templo principiado e não concluído pelos jesuítas no morro do Castelo**. [1845-1846]. Litogravura. *In*: OSTENSOR BRAZILEIRO. Rio de Janeiro, [1845]. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700100. Acesso em: 6 nov. 2026.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, ARJUN (org). **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EDUFF, 2008. P. 89-121.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Musealização e cultura material da Ciência & Tecnologia. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 9-28, 2015. Disponível em: https://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/438/412. Acesso em: 24 out. 2026.

NONATO, José Antonio; SANTOS, Nubia Melhem (org.). **Era uma vez o Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: IPHAN, Casa da Palavra, 2000.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do documento aos valores. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SILVA, Zenaide. Lioz - uma Pedra Real em Portugal e uma Pedra Monumental no Brasil Colonial. **Geoheritage**, [*s. l.*], v. 11, n. 1, p. 165-175, 2019. Disponível em: 10.1007/s12371-017-0267-7. Acesso em: 24 out. 2026.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Márcia Cristina Alves e a Kátia Leite Mansur pelas valiosas contribuições e pelas profícuas trocas de informações acerca da trajetória dos capitéis, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.